



MARQUEZ DE PARANÁ.

Lith. de J. Alves Leite



REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

---

QUARTO ANNO

DEZEMBRO DE 1875

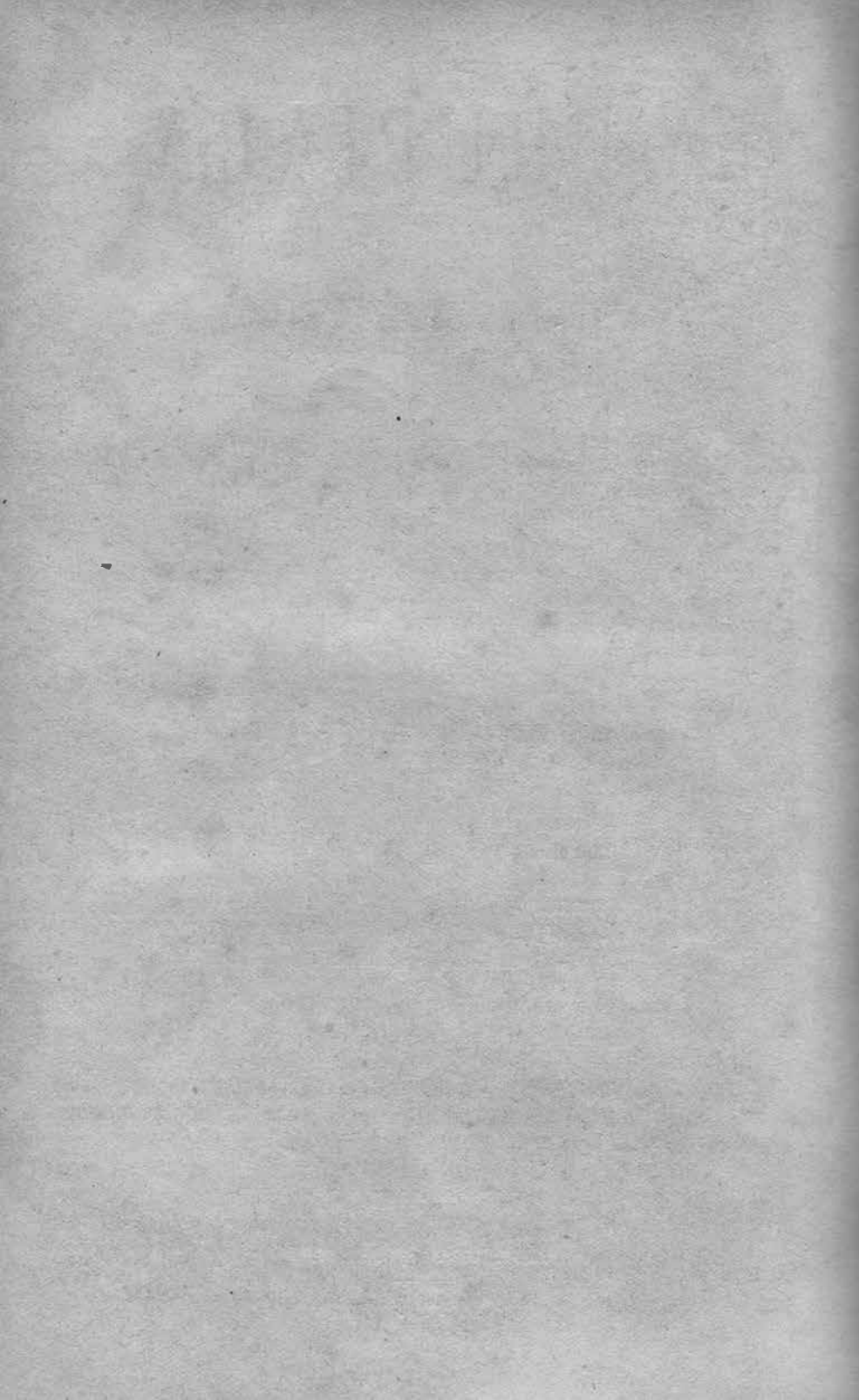
VI

---

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARVI

1875



# A GRUPIARA

DRAMA BRAZILEIRO

EM 1 PROLOGO E 4 ACTOS

*Bras de Paria*

PERSONAGENS DO 3º ACTO

Descio  
Dionisio  
Brenda  
Jorge  
João Duro  
Francisco Pontes  
Casimiro Mendes

COMPARSAS

Alguns do Prologo ; representando a differença da idade, assim como os tres personagens que fizerão parte sómente do mesmo.  
Duas criadas brancas.

A acção do 3º acto passa-se 6 mezes depois do 2º, na casa da Fazenda de Descio, perto da villa da Bagagem, no sitio da « Grupiára. »

## ACTO III

### O REVIVER DO PASSADO

SCENARIO: — Sala sem grande apparato porém com riqueza. A' direita servindo de escrevaninha, uma mesa sobre a qual tem livros, tinteiro, papeis, etc. Uma estante junto. Sofá e cadeiras á direita, algumas cadeiras tambem á esquerda.

#### SCENA I

Descio e Dionisio

DESC. (*depois de folhear um livro que tem diante de si o fecho*) — Sim, tudo se fará ; tenho cem probabilidades contra uma. (*Voltando-se para Dionisio*) O auto de corpo de delicto é completamente nullo, Dionisio ; nem o necessario exame do cadaver, para validade d'ê te papel. Isto é apenas um simples indiciamento de um individuo á quem chama-se — o delegado de policia ! Autoridades de campanha, escolhidas ao arbitrio da politica, que muitas vezes nem sabem ler e quando o sabem, com raras excepções não conhecem os seus deveres. Por toda a forma, este auto de corpo de delicto é sem validade ; não dá cumprimento nem aos artigos 136 e 137 do Codigo. Não havia escrivão n'esta malfadada terra ?

DIO. (*que tem estado pensativo, fumando, sentado á direita, com trajas mineiros*) — Não me lembro.

DESC. — Mas não era preciso : poder-se-hia nomear um escrivão *ad hoc*. Desejava ter em minhas mãos um auto de corpo de delicto em

fôrma, que só por si vallesse um processo cabal ; concluido não é nada, a Providencia que conservou as testemunhas principaes do final d'esse drama, não quer que elle fique impune perante a sociedade e me mo perante a consciencia d'elles. Apesar d'isso e te auto tem um merecimento, é a relação d'essas testemunhas que accusarão os dois assassinos e seu cumplice.

Dio. — E queres enredar n'esse processo o velho pai de quem roubaste a filha ?

Desc. — Bem te prometti que o consideraria no processo como violentado por medo irresistivel. Concede-lhe essa attenuante que o absolverá, o § 3º do artigo 2º. E isso será facil provar.

Dio. (*levantando-se*) — Filho, bem sabes que seu crime foi tão sómente uma cobardia.

Desc. — E' por essa razão o maior criminoso dos tres, pois devia evitar o mal. Mas não fallemos n'isso. Farei reviver esse passado de angustia, para concluir a minha obra ! Ainda me resta o direito da queixa, tenho ainda por mim o artigo 72 do Codigo, acompanhado do 265 do Regulamento, e está provado que não ha precrição como dos artigos 33, 34 e outros do Codigo, como 273 do Regulamento ; e aca o alguma cousa faltar para que se faça verdadeira justiça, (*levanta-se*) possuiu uma fortuna, perto de dois mil conto de rei e herci Jagurtha n'esta moderna Roma, para comprar o meu direito !

Dio. (*indo a Descio*) — Ainda uma vez, filho : porque vais revolver essas cinzas do passado ? Porque vais de cortinar e se vêu que cobre a memoria de teu venerando pai ? Lembra-te quanto era elle magnanimo, quanto em seu coração abundava essa nobreza de amor do proximo, que se traduz na caridade, que é a doçura do proprio bem estar.

Desc. — Pois bem : esses mesmos barbaros forão aquelles que arrancarão do lado dos desprotegidos o seu bemfeitor ; de seu lado, um amigo, e á mim as unicas gottas de sangue igual ao meu ! E queres que eu perdôe a esses tigres que dilacerarão as entranhas do cordeiro ! Queres ainda que haja em mim compaixão para os abutres do amor do bem ? ! Não, Dionisio, não !

Dio. — Que queres mais tu fazer, filho ? Não os reduziste ao estado de miseria em que se arra tão ?

Desc. — E' esse me mo rastejar de reptis, o mal que tu encheras e não queres ver ! D'aqui a nove ou dez mezes esses homens terão deixado a cadêa, e a sociedade por seu turno deixará penetrar em seu seio de novamente, os dous monstros que irão a trucidar, ou então as selvas receberão mais dous bandidos que seguirão passo a passo victimas innocentes, comtanto que lhes alimente a sede do ouro !... Dionisio, é preciso evitar isso ; é em nome d'essa humanidade de que sempre me fallas, que eu te ordeno : ajuda-me !

Dio. — Mas... (*A parte*) O que fazer, meu Deus ? !

DESC. (*comsigo*) — Quando pensaria que, lá abatidos, reconduzidos aos postos que lhes pertencião, acharião esses indignos, protectores e dinheiro!... Um anno de prisão a cada um d'elles! Quem diria?! Irrisão da justiça!...

## SCENA II:

Os mesmos e João.

JOÃO (*entrando*) — Senhor Descio, alguns homens chegados da villa procurão a V. S.ª.

DESC. — Já te disse, meu amigo, que não tenho senhoria. Espera. (*Puchando o relógio e vendo*) Onze horas e meia, chegarão muito cedo. (*A João*) O meu cavallo está sellado?

JOÃO — Sim, senhor.

DESC. (*a Dionisio*) — Vou ver aquella pobre menina. Tenho pouca esperanza. Hontem estava quasi sem pulso, a febre que sobreveio-lhe a noite atrazada, deixou-a n'uma prostração bastante sensivel. Tudo quanto a sciencia me forneceu, á mim pobre charlatão, tenho esgotado em seu favor; que posso mais fazer? Mandei chamar um medico e não veio; não quiz offender a infeliz creatura e não mandei dizer que era eu o — *ricaco* — que o chamava; quando ouviu dizer que era uma pobre rapariga, respondeu: «Que me esperem».... Pobreza!... Oh! triste a condição do pobre! Querer e não poder: que dores profundas vão n'essa expressão. (*Vai tomar o chapéo e rebenque que está em qualquer lugar e volta-se para Dionisio*) Meu amigo, enquanto eu veu e volto, chama esses homens e os entretem. (*a João*) Manda-os entrar. (*a Dionisio*) Até ao meio dia! (*Sahe*)

## SCENA III.

Dionisio, Duro, Pontes, Mendes, João e os comparsas

DIO. (*olhando Descio que sahe*) — Character incomprehensivel! De um lado tanto amor! tanta munificencia! de outro, a vingança! o odio!... Que dever impoz a si mesmo essa alma em que tanto transbordou ternura e carinhos? Como se abate, por esse rancor formidavel aquella intelligencia onde o talento se expande, donde brota florida e perfumada a suave inspiração de doce poesia. Ha dois, não, ha tres entes n'aquelle corpo como se fôra um composto de tres almas: a



primeira, a mais angelica, submissa, inspirante, como que divinizada pelo soffrimento, como que santificada pelo martyrio : é a que ama ! a segunda placida, meiga, doce e repleta de modestia, — é a que estende a mão da beneficencia ! a terceira, oh ! essa é horrivel, egoista, má, sem nome : é a que vinga !

MEND. (*fôra*) — *Antão* por onde se entra para esta casa ?

JOÃO. — Por ahi mesmo, Sr. delegado.

MEND. (*chegando*) — Ah ! é aqui a sala ? Muito bem. O filho do velho Pedro apezar de ser um peralta, sempre tem gosto ! mas não para cavallo ; sempre me hei de lembrar que não quiz *abreganhar* o meu *fouveiro* com o alazão d'elle que é um animal feio, só tem ser bom corredor, mas ainda meio poldro. (*Repara nos moveis.*)

DUR. (*apertando a mão de Dionisio*) — Adeus meu velho. Como estás ?

DIO. — Bom, Sr. Duro ; a sua familia ?

DUR. — Todos bons, graças a Deus.

PONT. (*o mesmo*) — Oh ! meu velho. Desde que chegaste, ainda não te vimos na villa.

DIO. — Occupações, meu senhor.

PONT. — Saude boa ?

DIO. — Vai-se passando.

TODOS. (*excepto Mendes vem apertar a mão de Dionisio, dirigindo alguns, algumas palavras de saudação : Adeus, como estás ? a que Dionisio responde a vontade.*)

MEND. (*depois que todos comprimentão, como se o tivesse visto por acaso*). — Ah ! você está ahi seu mulato velho ? Como vai lá isso ? Diz-me lá, foste ao Rio de Janeiro, rapaz ? Mas vieste o mesmo ; um pouco mais delgado, mas isso te acenta melhor. Vocês não achão ?

DUR. — Você é que tinha necessidade de ir ao Rio, estes pastos por aqui lhe fazem mal.

MEND. — Lá isso é verdade. Aquella casa de Pasto não cosinha bem ; o João Moringue fez mal em vendel-a ao Cigano que, além de tudo, é um refinado ladrão.

DUR. — Com sua licença, delegado.

MEND. (*sentando-se*) — Quer fumar ? Não faça cerimonia ; nós já não *samos* crianças e eu não faço politica na casa do pequeno Serrano. Mas vamos ao que serve, ó tu ? Aonde está o teu senhor-moço ?

DIO. — Sahiu, mas não ha de demorar.

MEND. — Sim senhor, isso é muito bom, mas cá comigo devia haver mais respeito. *Escrevinhou* para nós virmos aqui lhe fallar, eu e estes sujeitos (*demonstra os demais*) e raspa-se.

DIO. — Descio é pontual ; ao meio dia aqui deve-se achar. Foi a hora que lhes marcou.

MEND. (*Admêrado*) — Que ? ! Foi ao Pontal ? A' mais de duzentas leguas cá da comarca !... Para lá ainda dos Descobertos da Pieda-

de... Isto é dezaforo *recamado!* (*Levantando-se*) *Antão* para que nos disse que viesse aqui?

DIO. — O senhor não me comprehendeu. Digo que elle é pontual; que na hora de fazer alguma coisa, Descio acha-se prompto.

MEND. — Ah! lá isso é outro caso. Mas *antão* também isso se chama *Pontal?*... Mas de que diabo é que vocês estão se rindo?... Pois se o negro veio da corte, por isso é que está rhetorico! Elle sempre o foi alguma coisa. Era um mulatinho bem esperto; corremos parrelhas junto, em cabos de vassouras, o diabo foi o meu pai não o ter comprado, que hoje seria um peão de truz ou talvez me pudesse servir de *arrieiro* em vez de estar pagando a um senhor que nunca vende o toucinho e o queijo pelo preço que eu quero. (*Senta-se no sofá de molas e levanta-se logo, surprehendido*) Ah! que diabo é isto? Tem feitiçaria este *móvio*... Pensei que ia cahindo... (*apalpando*) mas é rijo no fundo. (*Experimentando*) Não é máu! Tem-me módos de rede... São coisas da moda! O tal marreco do Garimpeirozinho sempre teve uma bonita lembrança de vir se metter no matto com semelhante luxo... Ora vamos... (*Deitando-se*) Aqui se póde dormir.

JOÃO. (*approximando-se*) — V. S.<sup>a</sup> está furando o damasco com as esporas.

M. ND. — Vai-te para os infernos, que queres tu dizer?!

JOÃO. — Digo que V. S.<sup>a</sup> não deve deitar-se ali.

MEND. — E porque?

JOÃO. — Porque o lugar não é proprio.

MEND. — *Antão* um delegado lá escolhe lugar para dormir? Ora deixa-me! (*Dionisio faz signal a João que se retira*) Sim senhor, póde-se dormir e eu não me acho muito christão! (*Vira-se e dorme.*)

JOÃO (*sahê e volta momentos depois trazendo uma bandeija com pequenas chicaras cheias de café, que offerece aos personagens, menos a Mendes e a Dionisio.*)

DUR. (*que tem estado conversando baixo com Dionisio, Pontes e outros junto a mesa de escrever*) — Nos fazes pasmos, Dionisio; pois Descio depois de dezeite annos e meio quer fazer esse processo?

PONT. — Faz muito bem. Esses salteadores tarde ou cedo devião pagar.

DIO. — Oh! já pagarão demais. Forão opulentos e hoje estão reduzidos á mi-eria; n'elles, o mal era a sêde da riquezas. Perdida essa que mais se lhes podia fazer? Sem algum sentimento que o da ambição, qualquer outro castigo lhes seria indifferente. Almas curtidas no crime nem consciencias de alguma virtude.

DUR. — Dizias que estavam os dois principaes na cadêa?

DIO. — Estão, sim; mas breve sahirão soltos. Encontrarão protectores. O jury em certas mãos é uma burla como outra qualquer. Depois de uma forte accusação e uma fraca defeza, o juiz apresenta quesitos aos quaes se não podem deixar de responder á vontade do mesmo

juiz que protege o réo. Foi o que lhes succeder. Descio entretanto que vela não quer que esses tigres fiquem livres.

PONT. — E faz muito bem, muito bem!

DIO. — Ha, entretanto, uma pessoa que se oppõe.

DUR. — Quem?

DIO. — Eu.

TODOS. — Tu?!... Não é possível!

DUR. — Mas tu mesmo, que és o fanal do bem! o castigo do mal?!

DIO. — Mas não veem que tudo que esses homens receberão como das mãos da fatalidade é obra d'elle? Não veem que elle tambem é homem? E que o homem não póde castigar como se fôra uma providencia?!

PONT. — Mas isso não é possível. Tu te oppores á que se faça justiça?

DIO. — Porém é necessario que se compadeção d'esses dois desgraçados... Oh! eu lhes peço, não sirvão n'esse processo, recusem a ser testemunhas.

DUR. (*retirando-se*) — Não, não Dionisio! (*Os comparsas vão se afastando.*)

DIO. — Ah! senhores, não lhes falla um instante á alma, a misericordia divina? Tenhão pena de meu filho que se arrasta ao abysmo, á horrivel voragem do remorso!

DUR. — Dionisio, não contes comigo. Sou Mineiro, nascido ali nos arredores da Uberaba no declive das Serras das Vertentes, onde o sol doura com seus raios de fogo a larga cascata, em que se banhava como em leito de cristal a formo a virgem indiana, Caraihêbê, que foi minha mãe. Dionisio, não serei eu que depois de civilisado e velho, venha desmentir a heroica raça dos Caiapós que collocavão á cima da compaixão — a justiça!

PONT. — Quanto á mim, Dioni-o, meus pais tiveram o berço no primeiro aldeamento de Itapétininga e eu fui embalado em noites de inverno pelo sopro fagueiro do *minuano*, que acaricia e anima os filhos dos meus pagos! Conheces a minha raça, voêds me chamão — O Guasca, — devias lembrar-te d'isso! (*Affasta-se.*)

DIO. (*olhando ao redor e achando-se só*) — Só... todos me abandonão e eu não posso sozinho lutar com elle!... E eu quizera destruir-lhe esse novo plano de aniquilamento!... (*Pausa*) Oh! mas isto que acabo de ouvir, não é uma luz que se derrama em torno de mim?... Sim, é! é!... A justiça da causa de Deus se revela em tudo, por todos! Porque serei eu o unico a me oppôr?... Não se demonstra? Não Não está ahi palpavel o dedo de Deus?! (*Voltando-se para os outros personagens que se occupão em tomar café.*) Senhores, fazem bem... Tudo me prova que Descio tem direito em fazer o que faz. (*Descio entra.*)

SCENA IV

Os mesmos e Descio

DESC. (*Entra com ar triste, olhos pisados e pallido. Cumprimen-  
tando*) — Meus senhores. (*A Dionisio*) E porque não seria assim,  
Dionisio? Se não tivesse a justiça de meu lado, não me abençoaria  
Deus pelos labios do anjo moribundo que parte para seu seio.

Dio. — Que?!... Lucia...

DESC. — Morreu a coitadinha!... A ave merencoria sentio a pro-  
ximidade do inverno das crenças e, levantou o vôo de arribação para  
ir aninhar-se n'aquellas plagas onde tem um seio olente e calido, para  
vivificar-lhe de continuo a exi-tencia. E' mais doce a morte do que a  
vida quando em troca do amor que nos ferve no peito, temos o odio,  
ou peior, o desprezo. Ella, pobrezinha! abandonada do malfadado a  
quem entregou corpo e alma, a dôr moral sopitou-lhe os males phisi-  
cos que ao despertarem nem podião deixar de levar-a à sepultura ;  
ainda bem : leva para outra vida — o martyrio ! (*Limpa os olbos.*)

Dio. — Choras? Pobre filho !

DESC. — E quem não terá uma lagrima para derramar aos pés de  
um anjo? Quem não terá immensa dor sentindo em derradeiro esfor-  
ço da vida, os braços de uma infeliz que nos enlação o collo apontan-  
do um berço em que sorri a terna criancinha?... Dionisio, tens hoje  
mais um filho; vai vel-o. João vai a casa da fallecida Lucia e verá  
tudo quanto é necessario para o seu enterro. (*Sahem Dionisio e  
João.*)

SCENA V

Os mesmos, menos Dionisio e João

DESC. — Meus senhores, queirão perdoar-me; o acontecimento  
que acabo de narrar me tira todo o sangue frio para tratarmos do as-  
sumpto que motivou convidal-os a vir aqui; fosteis as testemunhas do  
assassinato do meu desgraçado pai. Fosteis vós que o conduzistes d'este  
silio, tivestes entre vossas mãos as provas do crime e soubestes  
quem erão os culpados; só de vós depende que se faça justiça.

Todos — Estamos promptos.

MEND. (*levantando-se*) — Sim senhor, estamos promptos.

DESC. — Obrigado, meus amigos. Queria entretanto pedir-vos um favor : alguns de vós habitaez perto, outros bastante longe ; de qual-quer maneira não vos convem fazer uma viagem de ida e volta. Ten- des aqui tudo quanto é necessario para passar uma noite. Deixo-vos o livre arbitrio, mas me darieis muito prazer se ficasseis em minha casa.

TODOS (*menos Mendes*) — Sim senhor ; ficamos.

MEND. (*a Descio*) — Oh ! lá seu doutor, olhe que é muita gente.

DESC. — Ah ! meu amigo. Em primeiro lugar peço-lhe que não me dê um titulo que não tenho..

MEND. — Mas como é *antão* que você cura ? (*Jorge entra.*)

DESC. — Os pobres se contentão que qualquer lhes dê um reme- dio.

MEND. — Mas se você não é doutor de curar ao menos é d'esse ne- gocio de lei.

DESC. — Ainda menos. Advogo unicamente para consolar o pobre, quando tem direito, que não lhe concede a falta de dinheiro.

MEND. — Mas *antão* que diabo de homem é você ?

DUR. — Uma cousa que o senhor não comprehende. Vamos-nos embora ; decerto este moço deseja fallar a sós com aquelle homem que o espera. (*Aponta para Jorge.*)

DESC. (*reparando*) — Jorge, tu aqui ?

## SCENA VI

Os mesmões e Jorge.

JORG. — Sim, senhor Descio ; aqui estou. Quiz apressar a minha viagem. Tinha grandes novidades que lhe contar. Depois quando se vive sete annos com um homem como Vme., não pôde um pobre diabo como eu separar-se mais.

DESC. (*abraçando-o*) — Tinhas saudades de mim, amigo ?

JORG. — E' como lhe digo ; Vme. é a caçamba eu sou a corda ; fui feito para Vme. Hade me perdoar não ter cumprido as suas ordens. Mas faz muito calor no Rio de Janeiro e depois me parece que nada mais tinha a fazer lá.

DESC. — Nada mais a fazer ? !... Que queres dizer com isso ?

JORG. (*reparando nos circumstantes*) — E' que... São cousas muito sérias.

DESC. (*apertando-lhe a mão*) — Sempre di-creto, meu bom Jorge.

JORG. — Ora essa... meu senhor. E' dever.

DESC. (*aos mineiros*) — Meus amigos, tenham a boadade de de- cecerem ao pavilhão. Em poucas horas serão servidos do jantar. Se al-

gum dos senhores quer fazer uma caçada de pombas, têm-as feito sevar nas immedições do Ipé grande sobre a direita da estrada ou alem do arroio, na Tatagiba velha. Achareis armas e munições n'um dos quartos do pavilhão. Peço-yos desculpa, por todos os motivos, de meu procedimento.

MEND. — Sim, sim! Isso não é nada, nós lhe fazemos a vontade. Vamos todos para fóra, mas como você quer, ficamos na sua casa até amanhã.

DESC. — Obrigado, Sr. Mendes.

MEND. — Mas porém fique sabendo que estou gostando da sua lata; pois olhe lá, eu não sou muito amigo de caras bonitas. Adeus, eim? (*Vai sahindo.*)

DUR. (*sahindo; a Pontes*) — E' um perfeito cavalheiro.

PONT. — Já sabia que era um pai da pobreza!

DUR. — Coração de Mineiro! (*Sahem*)

## SCENA VII

Descio, Jorge e Dionisio

DESC. — Mas o que ha, Jorge? Estou sorpreso e afflicto por tuas palavras.

DIO. (*entrando*) — Oh!... Jorge aqui?

JORG. (*voltando-se*) — O Sr. Dionisio! (*Abrução-se*) E' verdade, depois de 18 dias de viagem.

DIO. — Dezoito dias!

JORG. — Quando se tem pressa em chegar... -

DESC. — Mas conta-me, o que ha?

JORG. — Não é quasi nada: é que aquelles dois homens já não existem.

DESC. (*sorpreso*) — Não existem!... Ah! não me afflijas!... Como e porque não existem esses miseraveis?... Fugirão?

JORG. — Não senhor, morrerão.

DESC. (*afflicto*) — Mortos! Oh! céus!... Mortos... elles?... E' impossivel!

JORG. — E' a verdade.

DESC. — Mas conta-me, Jorge; conta-me.

JORG. — Ah! não pensei que o affligiria tanto! Se soubesse, não lhe daria assim, essa noticia.

DESC. — Cala-te: responde ao que te peço.

JORG. — Mas a narração do que succedeu lhe vai agoniar e eu não quero, patrão... não se lembre mais d'isso...

Desc. — Estás zombando de mim ?

Jorg. — Oh! senhor!... Aconteceu o que já não é a primeira vez que se dá. O remorso ennuviará os dias de Augusto Martins; a quasi absolvição de seu ultimo crime foi para elle o que para outro seria a forca. Queixou-se que a autoridade não cumpria com os seus deveres, requereu contra si novo processo; julgarão-o louco, não lhe derão attenção. Pedio para ser processado pelo crime de morte... commetido... Oh! não lhe agravo o pezar, senhor...

Desc. (*mais afflicto*) — Podes fallar... falla...

Jor. — O senhor sabe. Eu continuo: Ao principio não fizera caso; escreveu novo memorial narrando as circumstancias e denunciando como cumplice a Antonio Vasques; foi este chamado para responder ao interrogatorio, primeiro negou tudo, porem quando ouviu fallar no nome de Vme. confessou e pôde saber quem era o denunciante. N'essa mesma noite, por dinheiro ou por alguma recommendação foi transferido para o carcere de Vasques onde este amanheceu apunhalado e morto.

Desc. — E' horrivel!... E elle? Esse animal faminto de sangue humano?

Jorg. — Por este novo crime foi, ha trinta dias, condemnado á forca. Ao receber a noticia da decisão do jury, tentou evadir-se e como não levasse a effeito seu intento, enforcou-se na prisão.

Desc. — Morto tambem!... Oh céus! Até aonde levei a minha obra!... Não... eu não queria tanto. O meu pensamento era o carcere para elles, onde as vigílias, a solidão, o desprezo social, trarião ás suas almas o arrependimento... (*Pausa*) Dionisio! Dionisio! Eu soffro. Teria o direito de proceder assim? Teria o direito de vingar meu pai?... (*Abatido*) A duvida... a duvida que nasce! (*A Dionisio*) Tu bem me disseste. E' uma escuridão medonha que derrama-se em meu pensamento, que envolve o meu ser!

Dio. — Não é nada, filho. A tua obra era justa; Deus a completou.

Desc. — Deixem-me só. Preciso de solidão. Quero conversar commigo mesmo. Esta duvida me mata!... (*Pausa*) Mas não... Fiquem vocês. Quero um ar mais livre. Fiquem.

Jorg. — O senhor está palido!... E' necessario que um de nós lhe acompanhe.

Desc. — Não. (*Fai sahindo, cambaleando e seguido dos dois até a porta do fundo.*)

SCENA VIII

Dionisio e Jorge.

(Depois de estarem um momento olhando Descio que sahio, voltão, ambos tristes para a bocca da scena.)

Dio. (a parte) — Acompanhal-o seria contrariar a sua vontade. Entretanto elle está mal.

JORG. (a parte) — Devia mesmo contra sua ordem acompanhal-o. Zangaria-se; porém como é generoso saberia perdoar a minha insistencia.

Dio. (o mesmo) — Não sei o que me adivinha o coração...

JORG. (idem) — Isto não pôde ser assim. Vou... (Vai a sahir.)

Dio. (chamando) — Jorge, não vás.

JORG. — Mas não vio como elle ia? Como n'um momento suas feições se transtornarão? Como os musculos das faces se contrahirão? Havia ali uma dor cruel.

Dio. — Ainda assim. E' melhor abandonal-o a si mesmo. (Pausa.) Conta-me: como fizeste uma viagem de mais de duzentas leguas em menos de vinte dias?

JORG. (Narrando distrahido e Dionisio escutando da mesma forma; ambos se encaminhão para a porta do fundo.) — Ora, eu tinha muita pressa em chegar. Ao principio estranhei o caminhar a cavallo, que desde oito annos não faço; antes tinha sido correio na Hespanha, lá andava muito. Calculei que precisava caminhar 10 a 12 leguas por dia para chegar aqui em vinte dias, isto é, depois d'amanhã.

Dio. (apontando) — Não é elle que vai, lá junto d'aquella Jabuticabeira?

JORG. (olhando) — Não.

Dio. — Continúa.

JORG. — Para encurtar contos, fiz todos os dias mais de doze leguas, e aqui estou dois dias antes do prazo que me assignalei.

Dio. — Que róta trouxeste?

JORG. — Vim pelo trem até Parahyba de onde segui para Barbacena, d'ahi a S. João d'El-rei, á Oliveira, á villa Tamanduá, á villa Formiga, de onde tomei por um atalho, conhecido do meu guia, atravessei a Serra das Canastras e vim sempre pelo sertão até chegar á Patrocínio, ante-hontem pousei no Carmo, hontem e hoje de marcha batida, estou aqui. Não esperava que tão máo effeito fizesse minha noticia; senão, não tinha tanta pressa.



Dio. — Outro qualquer se alegraria com a de-graça de seus inimigos. Eu bem sabia que o coração sensivel d'este menino, quando sua obra attingisse ao fim, teria para ella lagrimas em vez de risos.

Jorg. — Se elle é a propria bondade!

Dio (*surpreso*) — Ah! que vejo eu aqui?! Meu Deus! Meu filho!  
(*Sahe fóra e volta ajudando a conduzir Descio que vem trazido por Pontes e Duro.*)

## SCENA IX

Descio e Dionisio, Jorge, Pontes e Duro

Desc. (*muito abatido*) — Obrigado, meus senhores.

Dio. — Mas... que foi isto?

Desc. — Não é nada. Leviandades minhas. (*Passa o braço esquerdo sobre o hombro direito de Dionisio e recosta-se a elle*) Ah! meu pai, tu me comprehendes, não é assim?!...

Dio. (*aos outros*) — Meus senhores, queirão nos deixar á sós. Lhes peço. Jorge, vai tu tambem. (*Vão-se os tres.*)

## SCENA X

Descio, Dionisio, depois Brenda e duas criadas que ficam recostadas á porta por onde chegaram

Desc. — Ah! meu pai, sou muito de-graçado! Quando ia procurar lenitivo ás minhas dores, no recolhimento, na solidão de mim mesmo, novas se vem derramar dentro d'este coração que já nem força tem para soffrer, porque o amor o enfraqueceu. É que amor!... Amar submissamente sem poder rebellar-se contra a mão que o atrophia!...

Dio. — Coragem, filho, coragem! Quem sabe se ainda um dia agradecida, ella te supplicará esse amor!

Desc. (*sentando-se*) — Gratidão! quando eu fallo de amor! Gratidão! quando lhe tenho sido algoz!

Dio. — Ah! mas se ella soubesse que o pai...

DESC. — Silencio, silencio! Não, nunca saberá; nem quero que perca uma unica de suas illusões por mim! Quero-a amado eu, por minha pessoa, pelo brilho ardente que este amor derrama em meus olhos! Quero ser comprehendido n'este fogo que me escalda!

BREN. (*apparece á porta*) — Ah! está no seu idealismo... (*Para-se.*)

DESC. (*tomando as mãos de Dionisio que aperta*) — Ouviste bém? Quero ser comprehendido, quero que adivinhe o amor que me consume! Amo-a com esse ardor febricitante, capaz de impossiveis e contra ella vai quebrar-se a minha enérgia porque o coração cheio de sua imagem, não tem mais força de vontade.

DIO. — Mas... animo, filho! Quando te conhecer, quando penetrar os reconditos de teu coração, ella te ha de amar, e depois a maior extensão de sentimento em duas almas irmãs! Depois, a felicidade!...

DESC. (*levantando-se*) — A felicidade!... Oh! falla... falla, Dionisio! A verdadeira felicidade!... Ella... sim! Meu amor. Oh! quero sonhar... Ella! minha esposa!...

BREN. (*com energia*) — Nunca! (*surpresa de ambos, Brenda avança.*)

DIO. — Senhora, quem diz:—nunca! pôde n'essa palavra exprimir —sempre! (*Descio quer caminhar, cambalêa e recosta-se á mesa.*)

BREN. (*com a commoção da energia*) — Os senhores não podem fazer calculos sobre o meu futuro! Quem lhes autorizou?... Não se aspira chloroformio, segunda vez com a mesma facilidade; conhece-se a mão do trahidor em qualquer parte. Está-se bem prevenida e no caso de baldarem-se todas as providencias, ha recur-zos na arma do proprio assassino!

DESC. — Porem... Brenda, ninguem lhe fará mal.

BREN. — Já lhe prohibi que me tratasse por Brenda. Chamo-me a chloroformisada, a victima, a prisioneira e tudo mais quanto a indignidade de um homem pôde fazer de uma mulher honrada!

DIO. (*que tem se chegado para Brenda*) — Tenha pena d'elle, poupe-lhe este martyrio! Não vê como soffre?

DESC. (*reparando e como reprehendendo*) — Dionisio!

BREN. — Pena! martyrio! soffrimento!... Bonitas palavras que pronunciação mas não sabem comprehender!... Mas deixemos-nos de delongas. Sabe, meu senhor o que sua escrava veio aqui fazer?... Não vim tão somente rebellar-me. *Soube que um seu famulo havia chegado da côrte com noticias importantes de seus inimigos.* Presinto que no meio d'esses inimigos está meu pai, e eu venho pedir-lhe noticias d'elle. Se por si mesmo, não m'as quizer dar, mande-me seu criado, que conversar com elle ou com o senhor me é indifferente.

DESC. — Senhora!

BREN. — Não sei que culpa terá feito de meu pai, seu inimigo; mas os bandidos são inimigos de todos os homens honrados!...

DESC. — Segue-me esses inculcos, não me ferem; agrada-me ouvir a sua voz eneta de harmonia e vibrante d'essa energia melodiosa que enche o coração. Amo-a e o amor sabe tão bem pe. doar, que até acha doçura em ser offendido para ter um seu quinhão a dar de indulgencia.

BREN. — Amor! O senhor sempre a fallar-me n'esse romantismo de salteador! (*Mudando de tom*) Mas não é para isto que aqui venho. Quero noticias de meu pai, entende?

DIO. — Senhora: Nunca mais, depois que soubemos que desaparecera do Rio de Janeiro, tivemos d'elle outra noticia.

BREN. — E' assim: o senhor, millionario que abraça os de graçados, soccorre a todo mundo, não tem os meios para sai fazer a unica ambição da mulher que diz amar! Ah! ao principio tive lagrimas para supplicar-lho; hoje tenho o fel para lançar-lhe nas faces que, não se peijão de constringer uma fraca douzeila ao egoismo de seu... de seu... não direi coração, porque o senhor não o sente. Todas as suas acções demon. trão a vilieza de seu caracter. Uma caridade por ostentação! uma liberalidade por conveniencia! uma igualdade de apparencia! uma delicadeza constringida! uma energia de circumstancia!... passe a todos os olhos até como um este obrenatural; quanto a mim... oh! não me provoque a palavra! (*mudando*) Já lhe di-se, senhor, quero noticias de meu pai. Ou que elle venha ter comigo ou que eu vá ter com elle! Ouviu?...

DESC. — Ah! se conhecesse bem seu pai!... não seria tão amante d'elle.

BREN. — Quê?!... Pois atreve-se a calumniar o honrado velho de quem o senhor e tá tão longe! Tão longe como o cão está do homem!... Morda! Morda!... Era só o que faltava!... Mas ladre tambem á sombra de seu pas. ado que rep. enta a fera desguarnecida agora das garras!... Calumniar!... Quem? o senhor!... que entra em uma sociedade com um nome que é di farce, porque pelo proprio já seria conhecido o bandido!... (*Descio ten. ido se curvando ao peso d'estes insultos*)

DIO. (*chorando*) — Oh! basta, senhora! Não o mate; não vê que desfallece, que se acabrunha! Elle que tem soffrido tanto! tanto!

BREN. — Tu choras, pobre velho! Te illudes como os outros; illudes-te com esse Protêo que tão magnificamente sabe trocar as cores do cynismo! Não chores! Tu, és hourado; elle, é um — miseravel!

DESC. — Ah!... (*Quer erguer-se, dar um passo e cahe sem sentidos na cadeira que está atraz.*)

DIO. (*corre para Descio*) — Meu filho, meu pobre filho!... Ah! senhora!...

BREN. (*Vai como a sahir e pára; aperta as duas mãos sobre o coração e olha para Descio com olhar apaixonado.*) — Oh! não... nun-

ca !... Hei de vencer !... ( *Faz segundo impulso para sahir e estaca na porta, vira-se placidamente e encaminha-se para o lado de Descio, junto ao qual está chorando Dionisio.* )

DIO. — Como os bons são desgraçados !

BREN. ( *olhando Descio* ) — Que fiz eu, meu Deus ! O que é isto que eu sinto ? ! ( *Cahe de joelhos.* )

DIO. — Retire-se, menina, uma maior commoção pôde matá-lo !

BREN. ( *levanta-se, vai chorando e sahindo lentamente e ao mesmo tempo*

*O panno vai descendo.* )

---

## PERSONAGENS DO 4º ACTO

---

Deseio  
Brenda  
Dionísio  
Flávio James

A acção passa-se na manhã seguinte ao dia do 3º acto junto a casa, sítio onde teve lugar o prologo.

---

## ACTO IV

### A PROMESSA

---

SCENARIO : — A mesma situação do prologo, tendo agora o terreno todo aplanado com excepção do monte na bocca da scena á direita, onde ainda está o tronco abatiço e a catadupa com o curso mudado desapparecendo em uma escavação junto ao mesmo tronco. No lugar em que foi assassinado Pedro, está um grande tumulo fingido marmore com uma lapida estendida para a frente da scena; lendo-se no tumulo : « Pedro Serrano. Oraí por elle ». A' esquerda os tres coqueiros do prologo, com outros arbustos em linha, encostados a uma grade que está pela frente, estendida de alto a baixo da scena fechando o jardim, com uma porta a proposito, do lado da frente. No mesmo lugar do prologo o coqueiro aonde foi atado o menino. No fundo, correndo da direita á esquerda, a frente de uma casa com duas janellas nos extremos e uma ou duas portas no centro; a janella da esquerda dá para o jardim e fica separada da porta proxima, justamente pela grade. Alguns arbustos pequenos tanto no jardim como fóra. Vem ananhecendo. O panno levanta-se durante a introdução da musica da balata.

### SCENA I

Descio, Brenda e Flavio James

FLAV. (*coberto de andrajos, com os pés embrulhados em farrapos; ao levantar do panno dorme estendido sobre a lapida do mausoléu, um bordão ao lado.*)

DESC. (*ao levantar do panno, sahe com ar triste e abatido da porta á esquerda encostada á cerca e vem parar-se junto ao coqueiro do centro procurando occultar-se do jardim.*)

BREN. (*depois das acções de Descio, apparece na janella da esquerda, reflecte um momento e canta.*)

De meu pai arrebatada  
Pobre filha da de graça,  
— De meu peito só gemidos  
Leva a brisa que além passa !

De saudades a miu'alma  
Retalhada de amargura,  
Quando outr'ora, meu passado  
Foi um sonho de ventura.

DESC. — Ah ! eil-a sempre ! aquella canção, aquelles doloridos  
queixumes que me acabrunhão.

BREN. (*continuando*)

E meu pai, o coitadinho  
Que por mim só tem penado,  
Quanto fel terá sorvido !  
Quanto pranto derramado !

DESC. — E eu sou a causa d'aquella dor ! Triste e malfadado ! !

BREN. (*continuando*)

Seu arrimo e seu consolo,  
Seu prazer e flicidade,  
Tudo era para elle,  
Pobre pai ! Todo amizade !

De meu pai arrebatada  
Pobre filha da de graça,  
— De meu peito só gemidos  
Leva a brisa que além passa !

DESC. (*depois dos ultimos sons da musica*) — E' doloroso libar,  
gota a gota, esse fel que amarga e escalda !... Agora que para mim se  
havia de abrir a vida como o cactus aos suaves zephiros da noitinha !  
Agora que minha exi tençia deveria seguir placida e amena como as  
as aguas eri talinas de um regato... ella não quer ! E soffre... Aquella  
canção é o soluço de uma agonia que me dá mais pezar do que os seus  
arrebatamentos de cólera, com que me anniquila ! E eu amo-a. Amo-a  
já não sei como ; é uma loucura ! ● que não faria hoje para tornal-a  
feliz?... Para ter de seus labio: uma expressão doce, um sorriso...  
Oh ! são sonhos ainda mais feliceiros que tenho medo de os almejar...  
Esse miseravel que é seu pai, se o encontrasse, se o podesse dar a ella  
em troca do meu amor... Oh ! isso não, nunca ! nunca !... Meu Deus,  
tende piedade de mim !... (*Fica pensativo*)

BREN. (*taciturna passeia no jardim*)

FLAV. (*erguendo-se com custo até sentar-se*) — Ah! tive frio... e já estamos no fim da primavera. Mas não é o tempo, é o gelo do meu inverno que se aproxima... Tenho fome! Mas a culpa é minha, n'esta terra ninguém morre de fome. É que eu tinha tanta pressa de chegar... Ha tres dias que estou mais animado... Tenho mais esperança. Soahei-me mo e ta noite que abraçava minha filha e depois, que a encontrava com uma porção de criancinhas que gritavam ao redor de mim: vovô! vovô! E eu brincava com ellas que rião- e, saltavam, emquanto eu chorava; mas crão lagrimas de prazer que me brotavão de uma fonte sorridora... Ora, sempre são sonhos!... (*Pausa*) Mas aonde estou eu?... (*Reparando*) Já me recordo: cheguei aqui esta noite, me indicarão a casa de um moço que me poderia valer para o resto de meus annos. Cheguei perto: a minha primeira surpresa foi lá aquelle tronco carcomido, este outro aqui abalido; reparei estava-me mo banhando os pés sentado na Grupiara, causa primaria d'essa terrivel historia que me trucidou como um pe adello! E aqui, (*batendo no mausoleo*) dorme elle o pobre Pedro. Deve ter inspirado a seu filho a caridade, que tanto lhe suppliciei, para com minha filha. Pobre criança, como não terá chorado?! (*Levantando-se*) Ah! mas vamos pedir um pouco de come: Preei o de forças para caminhar duas leguas. Ella e tá na villa, não me hei de enganar! Talvez que a esta hora um anjo já lhe disse e que ha sei: meze: caminho para lá chegar; tenho feio uma má viagem. é verdade; por tres vezes doente; outras tantas extraviado; depois um homem que caminha á pé não póde andar grande cousa: ella me ha de perdoar, sempre foi muito boazinha! (*Em pé*) Vamos... vamos, velho; e stá: com estes pés que já nem pódes pisar... Isso não é nada. (*Vai caminhando*) A tua Brenda com um abraço te cura tudo. isso, fadiga, estropeamento, feridas, magreza e talvez que até mesmo a velhice.

DESC. (*que tem descido com a cabeça baixa e pensativo e sem conhecê-lo diz com delicadeza*) — Quem é o senhor? O que faz aqui?

FLAV. (*estendendo a mão*) — Supplico á caridade. Peço uma esmola, senhor.

DESC. — Mas como penetrou n'este lugar? D'onde veio?... Os portões estão fechados. Por aquelle lado tem o arroio.

FLAV. — Conhecia o lugar. Passei no vão que tem o arroio atravesei por baixo d'aquelle tronco tendo antes me banhado nas aguas e me sentado onde outrora foi uma rica Grupiara. É interessante que o mendigo se assenta e sobre um leito de diamantes! Não acha?

DESC. — Como sabe d'isso tudo?!

FLAV. — Senhor, ha perguntas que não se podem responder.

DESC. (*encarando Flavia. A parte*) — Conheço esta voz. A pouca claridade da manhã não me deixa distinguir as feições. Temo adivinhar...



FLAV. — Lhe peço uma esmola. Já repousei um pouco este cansado corpo, mas tenho fome! (*Fallando consigo*) Fome! Não é bem isso o que eu sinto... E' uma anciedade que me devora... Entretanto preciso de forças.

DESC. (*dando-lhe uma moeda de ouro*) — Tome e atrave a aquella porta, (*mostra o fundo*) encontrará qualquer um do criado e peça-lhe de comer.

FLAV. (*recuando*) — Guarde o seu ouro meu nobre senhor: pobre velho que sou, não o necessito; a minha fome não é de dinheiro! a minha sede não é de ouro.

(*Brenda apparece na porta do jardim e Dionisio na da casa.*)

## SCENA II

Os mesmos e Dionisio

DESC. — Mentos, miseravel!

FLAV. — Ah! porque diz que minto? Porque trata assim ao pobre e cansado velho que lhe supplica sem orgulho, uma esmola pelo amor de Deus?

DESC. — E' porque debaixo d'essas vestes e farrapadas e tá occulta a hypocrisia do assassino, do infame, que veio ainda depois de annos offender os manes d'aquelle a quem abriu a sepultura com suas proprias mãos! Ah! pensavas que me illudias? Pensavas que penetrarias no meu lar para de novamente continuares n'elle teu hediondo papel de ingrato, cobarde e assassino!... Pensavas me illudir!... Illudir-me tu? o ultimo dos vis da especie humana! era preciso que o não conhecesse raça de viboras, a quem tenho enmagado com o tacão de minhas botas!... Oh! d'esta vez a veia veio poucar sobre a folha da Dionæa!... Mas... não quero tua vida! (*Apontando*) Já! já d'aqui!

FLAV. (*sorpreso, com os braços estendidos, commovido*) — E' elle! Sim, é elle! De cio! De cio!... (*Pondo-se de joelhos*) — Ah! meu Deus! Eu t'o agradeço! Achei minha filha! Minha Brenda!...

BREN. (*correndo*) — Meu pai!... Meu pai!... Tu!?... Ah!... (*Vai lançar-se nos braços de Flavio que levanta-se para o mesmo fim.*)

DESC. (*precipita-se entre ambos, affasta-os com as mãos bradando*) Não!...

FLAV. (*recuando sorpreso*) — E' minha filha!...

BREN. — E' meu pai!...

DESC. (*a Flavio*) — E's o crime! E o crime diante da justiça não póde abraçar a virtude.

FLAV. — Por piedade?

DESC. — Piedade comigo?!... Tive-te-a por ventura com meu pobre pai, que em pezar, que complice, deixaste assassinar?... Piedade?... Que compaixão tive-te da criança que ali ataste ao tronco da arvore que incendiava e que podia queimal-o?... Muita tenho tido contigo, não te dando a me ma parte de teus companheiros. Fôras rico como elles e quem sabe e como elles não e.taria a esta hora tua alma soffreado as torturas da conciencia.

BREN. — Que diz o senhor? Como ousa na minha presença offender e caluniar o meu velho pai!... Ah! quer vingar-se n'elle de mim? Quer me fazer com esas palavras acreditar que elle é indigno do meu amor?!... O senhor... o senhor sim, que é indigno de que uma mulher como eu, até lhe odeie! Desprezo-o, como se despreza o objecto immundo que nos causa nojo!

DESC. — Senhora!...

FLAV. — Minha filha!...

BREN. (*com energia*) — Venha, meu pai; venha! Esse homem não sabe o que diz, está louco!... Quer offendl-o porque o tenho offendido! Quer calumniar-o, porque de continuo lanço-lhe as verdades em rosto!... Venha!... (*Quer de novo lançar-se nos braços de Flavio que e.tá immovel, Descio antepõe-se a este, ella procura arredeal-o impondo-lhe as mãos ao peito, elle se jura-lhe nos pulsos e procura fazel-a recuar; ha uma luta de momentos*)

DESC. — Não, não!... A virtude não pôde... é contra as leis divinas, contra a natureza, que ella vá lançar-se nos braços do crime.

BREN. — Ah! miseravel, me magoas!... Mas eu tenho forças para lutar contigo...

DESC. — Perdde-me... mas não posso!

BREN. — Pensas que eu não tenho coragem?

DESC. — Eu morreréi, já que tu me não amas!... Só depois da minha morte, pôdes...

DIO. (*que tem descido, arremete-se sobre os dois, trava dos pulsos de Descio e affasta com um impulso, bradando*) — Filho, que quer isto dizer?!

DESC. — Tu, Dionisio!... (*Abaixa a fronte.*)

BREN. (*abre os braços para ir lançar-se nos de Flavio*) — Pai!... Ah! meu pai!...

FLAV. (*impassivel; estende o braço esquerdo impedindo o abraço e afastando-a*) — Não!... (*Apontando para o céu e depois para Descio*) Estou absolvido pelo céu, mas falta-me a absolvição da terra!... Não sou calumniado, Brenda, elle diz a verdade!

BREN. (*recua deixando Descio entre si e Flavio, Dionisio atraz*) Meu pai!... o que diz?!...

FLAV. — Estou perante os juizes. Vou confessar o meu crime. Escuta, filha. (*Pausa*) Tinha trinta e seis annos; era um pobre negociante, quando tive vontade de casar-me com tua mãe, que como eu

residia em Ouro Preto; tendo necessidade de augmentar os meus negocios e adquirir maior cabedal em dinheiro; n'esse tempo começavão os descobrimentos de diamantes sobre o Abaeté na Bagagem a serem muito procurados e fallados; de todas as partes acudia gente para trabalhar n'esse garimpo ou negociar com os garimpeiros. Essas lavras que de 1853 em diante criáram tanta fama, depois da achada do grande diamante «E-trella do Sul», não erão lá essas cousas como dizião; bem me avirão outros, mas eu tinha precião de obter meios. Arrumei alguns cargueiros com fazendas e parti. Tinão por acaso dous caixeiros moços que estavão em Ouro Preto, sabido de minha viagem e vierão pedir-me para juntarem-se comigo; não era possível recusar companhia; quando ia atravessar sestões. Oh! não deixei de ter alguma repugnancia d'esses individuos; mas a viagem destruiu isso que hoje chamo um máu pre-entimento. Chegámos á Bagagem e entre as pessoas que nos convidarão para ir parar em suas casas, aceitámos a de um pobre velho, com quem no me mo dia da chegada, eu tinha tratado fazer algumas trocas. Entretanto como elle andasse muito occupado não effectuámos logo nosso negocio. (Pausa) Como? não sei eu; descobrião meus companheiros que esse homem tinha uma grande quantidade de ricos diamantes, os quaes trazia occultos dentro de uma bolsa de couro suspensa ao pescoco. Quizerão immediatamente rouba-los, mas era difficil. Lembrarão-se depois de descobrir o lugar donde elle extrahia aquellas pedras. E a ambição tudo póde; chegarão a descobrir e já não contentando-se com o que o velho tinha consigo, ambicionarão tambem serem donos d'aquella Grupiara (aponta). Fiz todo o possível para dissuadi-los d'esse crime; chamarão-me de cobarde e jurarão que me matarião se os não ajudasse ou se revellasse a alguem seu plano. (Pausa) Oh! minha filha, tive tranças bem dolorosas, lá o amor a me estender os braços e aqui o crime a apertar-me entre suas garras... O que em mim se passou durante dois dias inteiros é custoso dizer. A luta angustiosa que me anniquillava!... O brado da consciencia junto ao brado do amor!... Morrer, era perdela, e eu amava muito tua mãi!... Fui um cobarde, sim! triste cobarde. Tive medo!... (Chora)

DIO. (indo a Flavio) — Sei o que se passou contigo, ali, (apontando) — junto áquelles tres coqueiros encontrei o signal de passos; entre os mais visíveis, vião-se que tres homens de botas lá estiverão parados. Escolheste ou derão-te a missão mais facil: — atar o menino ou antes assassinal-o.

FLAV. — E' verdade, elle devia ser morto, mas obtive dos dois que não fosse sacrificada a criança; concederão.

DESC. — E obrarão bem: não restaria quem fizesse justiça, quem castigasse os assassinos.

BREN. (que tem estudo com os olhos baixos, levanta-os para Descio.) — Ah! e essa criança era o senher?!

DESC. — Sim!

BREN. — Meu Deus! (*Chora.*)

DIO. — E quando viste, que os malvados assassinavão Pedro Serroño, fostechamar os Garimpeiros de mais perto?

FLAV. — Fui; mas não sabia o caminho, demorei-me muito. A dor que o acontecimento me fazia, cegava-me; mas pude sempre chegar a elles, pedi-lhes que acudissem, indiquei-lhes o lugar, indo depois embrenhar-me no matto; vi por ahi passar o cadáver e comprehendí que tinham chegado tarde. D'esse dia em diante que profunda magoa acompanhou minha vida! Casei-me sem ter aquelle doce e santo prazer que deve dar o casamento; vi um anno depois morrer minha companheira, porque um soffrimento, acompanhado da descónfiança que não me fazia feliz a arrastarão ao tumulo. E tudo era remorso! Tudo tinha sido a minha triste cobardia. Ainda ahi, se eu lhe revellasse a mesquinha historia, teria me perdoado, teria lhe poupado as lagrimas de descónfiança, teria lhe abrandado o soffrimento! (*Pausa em que chora*) Soffri muito e muito!... Deus!... Sim, Deus teve compaixão de mim! Ouviu as minhas preces, peço meu arrependimento. O anginho de dois mezes que a esposa me deixara nos braços, cresceu, trouxe a consolação para minh'alma angustiada. As vezes parecia que conhecendo meus soffrimentos procurava derramar em meu peito um lenitivo, santo balsamo para aquellas chagas! Estendia-me os bracinhos, enleivava-me o pescoço e beijando-me, tinha palavras que os anjos do céu lhe ensinavão para mostrar-me o perdão de Deus e de Marianna, sua mãe!...

BREN. — Meu pai, meu pobre pai!... Sim, sinto profundamente que estás perdoado! (*A Descio*) Agora, senhor, não perdoará tambem?!

DESC. — Deus é piedoso! Eu sou homem!

FLAV. (*ajoelhando-se*) — Oh! perdõe... perdoe-me!... Preciso a sua absolvição, que sem ella continuará meu castigo!... Perdão!...

DESC. — Não... não! (*Desinquietação de Dionisio*)

BREN. (*ajoelhando-se tambem*) — Eu te rogo, Descio; por alma de teu pai! Por minha mãe, que era uma santa! Pela tua felicidade! Por Deus, eu te peço!

DESC. — Impossível!

DIO. (*commovido, alto*) — Impossível?!... Tu dizes essa palavra tendo a teus pés o ancião arrependido de um crime á que foi forçado! a mulher anjo sublime de amor, de piedade filial!... Tu dizes essa palavra, arrancada assim das ancias mortaes do teu odio! Tu o homem justiceiro e piedoso, que consagraste tua vida á memoria de teu pai! Depois de ouvires, de veres o mais nobre arrependimento; tu te páras: frio, gelido, como uma estatua de marmore!... Impossível?!...

DESC. — Oh! Dionisio, o que é isto?

DIO. (*em desespero*) — O que é isto?!... E o que tens tu com o

que eu sinto?... Que te importão as minhas expressões?... Tu já não és meu filho!... Não te conheço... Adeus... adeus!... (*Faz menção de partir, Descio agarra-o. Levantão-se Brenda e Flavio.*)

DESC. — Não, não vás. Não me has de abandonar quando eu sinto a morte que me afogueia! Quando sinto que meu coração estala!... Perdoar-lhe!? Perdoar-lhe!? Oh! meu pai! Uma luz! uma luz lá do céu onde estás... (*Como delirante*) Oh! que vejo!... que recordação!... (*para o tumulto*) Elle ali está! O corpo ensanguentado não póde reter a alma... Geme!... soluça!... me chama... seu filho!... As palavras entrecortadas lhe escapão dos labios... Ah! vai morrer!... Espirante... a ultima palavra, oh! que ouvi?!... Perdão!... Perdão!... (*Está com os braços estendidos e cahe nos de Flavio.*)

FLAV. (*abraçando-o*) — Generoso mancebo!

BREN. (*que tem revelado a mais profunda commoção primeiro de temor, depois de contentamento, estende os braços para Descio e brada com expansão*)—E a mim, Descio!... E a mim, que te prometto uma vida immensa, toda cheia de amor!...!

DESC. (*agitado, estende os braços a ella*)—Tu! amor! Oh! grande Deus! (*Cahe nos braços de Brenda, depois deixa-se escorregar, fica de joelho chorando, beijando as mãos d'ella que se curva sobre elle com ar carinhoso.*)

DIO. (*signalando*) — Lava com essas lagrimas de amor, (*designa o tumulto*) as ultimas nodças de sangue!

FLAV. (*levanta as mãos ao céu em signal de agradecido*)

FIM

## DISCURSO

PROFERIDO NO FUNERAL DE JOÃO DA CUNHA LOBO BARRETO PELO  
2º ORADOR DO PARTHENON LITTERARIO APPELLES PORTO ALEGRE

Que fatalidade !

O genio da morte passou terrivel pela tenda do batalhador, a frente suarenta do sacrificador domestico inclinou-se pela ultima vez ante as aras dos deuses penates, e, abraçado á cruz que symbolisa os martyrios do Golgotha, o joven peregrino tombou, vencido pela violencia do destino e esmagado pela mão cruel de um fadario de bronze, sua alma de moço voou á eternidade envolta no raio de uma estrella, enquanto seu corpo de martyr rolava nas dobras de um sudario.

Que fatalidade ! A vida de Lobo Barreto teve a luz de um sol que no zenith viu o seu poente e teve o seu poente no zenith.

N'este ataude estão vinte e dous annos crestados ás ardentias da canicula, vinte e duas primaveras floridas desfolhadas ao riço sopra do vendaval dos tumulos !

Amarga ironia da sorte !... O joven romeiro resvalou em terra no meio da affanosa jornada como a aguia ferida pelo raio no meio do seu vôo immenso e este esquite, embora symbolice a consequencia imperiosa de uma lei natural, contra seu predominio n'este momento revolta-se a propria natureza.

A morte, senhores, não é uma violencia imposta pelo Creator á creatura, não é um alienado da omnipotencia divina contra a fragilidade do ser humano, a intelligencia repelle semelhantes principios offensivos á justiça de Deus, a razão recusa acceitar tão falsos raciocinios, tanto é verdade que, assim como a ordem nasceu do cháos, a harmonia da confusão, a luz das trevas, assim tambem é preciso que coheçamos como uma necessidade essa lei da morte e consideremol-a como principio intuitivo da nossa propria conservação essa lei que obriga o homem a viver pelo aniquilamento de seu semelhante, que manda a geração que nasce tirar os elementos de sua existencia da geração que morre e que faz a estabilidade da humanidade depender de

sua divi-ção em dois campos opposto<sup>s</sup>, onde uma parte tomba arrebatada na voragem da morte, enquanto a outra levanta-se cheia de vida até chegar a hora suprema em que por sua vez como complemento de sua missão cumpre o seu destino, entregando á terra o que é da terra e, restituindo a Deus o que é de Deus.

Eu tambem, senhores, curvo-me vencido ante a logica d'esta verdade incontestavel; mas se ella é uma necessidade para os que têm completado sua missão na terra, ella significa um crime, quando fere existencias no verdor dos annos como a de Lobo Barreto, quando desfere golpes prematuros como o simum do deserto em sua passagem devastadora sem dó arranca a flor em botão.

Lobo Barreto morreu! Verdade terrivel que a razão aceita re ignada, mas que o coração repelle indignado; perdão para o blasphemo, senhores, mas assim como a palavra é fraca para enxugar lagrimas, assim tambem os raciocinios são impotentes para conter a explosão dos sentimentos.

O coração humano é como uma harpa; canta ao toque das alvoradas, suspira com a viração vespertina nas ramadas dos cyprestes, ri com as flores da campina, chora com os goivos dos cemiterios, revive com os perfumes da primavera, des-fallece com os regelos do inverno, entoa hymnos ao pé do berço do infante e soluça ajoelhado junto ao esquife do morto.

E' o que venho fazer aqui em nome do *Parthenon Litterario*, senhores, por elle e por mim, em nome da mocidade de minha terra, da qual sou obscuro representante, permiti que minha palavra tosca desfolhe saudades humidas de lagrimas junto ao ataudé do desventurado Lobo Barreto.

Inditoso moço — que direi eu de mais aqui, que ha muito não seja um facto radicado na consciencia de todos?

Porventura a tua mocidade não está dizendo que és uma flor em botão — cahida ás rajadas do pampeiro? O leito funerario onde dormes está contando que os accordes de tua harpa do poeta calarão-se ao contacto da morte e que tua lyra sumiu-se para sempre no abysmo do tumulo, qual vela branca que os re-folgos do tufão jámais farão apparecer nas fimbrias côr de rosa do horizonte — que no mundo das letras foste uma esperanza brilhante do futuro, no embryão aniquilada pela brutalidade do presente — que na vida publica votaste uma dedicação anonyma nas aras do tabernaculo de tua patria e sonhaste a grandeza d'ella pelo amor ao trabalho, á liberdade e á virtude.

Filho do trabalho, com a penna em punho arrancaste *Estrellas* do céu poetico de tua imaginação de moço, converteste os sentimentos de tua alma grande em ricos *Diamantes* e de *Estrellas e Diamantes* fizeste um livro que quando não significasse nada no mundo litterario, ha de symbolysar sempre a aspiração generosa de um coração dedicado pelo engrandecimento de seu paiz.

Amaste a liberdade e como filho do Novo Mundo amaste com extremos de americano, com enthusiasmo sincero; sonhaste o futuro de nossa patria illuminado pelo triumpho das idéas novas que constitue o mais glorioso apanagio da grande America, symbolizando o mais bello florão das conquistas civis adoradas do seculo XIX.

Liberdade, cobre-te de luto!

Soldados da democracia, paladinos do direito e da razão, de joelhos junto á lousa faneraria de Lobo Barreto.

Votou nobres cultos á virtude. Quando o progenitor de seus dias baqueou no vestibulo da eternidade, legando-lhe a espinhosa missão de chefe de familia, o joven orphão não vacillou em aceitar a grave responsabilidade com a qual estreou os seus primeiros passos no mundo. N'essa epocha — era uma criança e o amor da familia o fez — um homem.

Ignoraes porventura como desempenhou o indiloso moço a sua grandiosa missão? Mais solemne que minha palavra, senhores, são os prantos de sua familia, são as fundas agonias de sua desventurada mãe e desditosa irmã.

Se voltardes e baterdes á porta de onde sahiu o esquife, contemplareis um lar em luto, vereis mãe e filha n'um só amplexo, entrelaçando saudades em torno do ninho deserto da andorinha, que em plena primavera bateu as azas e voou a incognitos climas; vereis mãe e filha, orphãs de affectos, confundindo as lagrimas e dores n'um mesmo crisol, o do — amor, transformando o coração repleto de lagrimas — em fonte de soluços.

Deixemol-as chorar... bem mercee prantos o filho extremoso, o irmão dedicado, o amigo sincero... no lar reconstruiu o edificio em ruinas, tornou-se a columna sustentaculo da familia... fez mais do que isso, senhores, com seus affectos inverteu a ordem das leis naturaes; no mundo physico, senhores, é sempre o tronco que sustenta o galho, Lobo Barreto, no mundo intimo da familia, inverteu essa lei physica, fazendo o galho sustentar o tronco.

Dorme em paz, companheiro de lutas, e agora que cumpriste o teu fadario, deixa-me desempenhar o meu dever.

N'este lugar, onde de tuas mãos geladas rolou o bastão de peregrino, a religião fez d'esse bastão quebrado — uma cruz —; ajoelhem-se, senhores, ante ella que symbolisa a crença religiosa de nossos pais e não choreis mais, senhores, porque-se a morte inscreve hoje um epitaphio no livro dos cemiterios, se ha um nome de menos na terra, ha mais um cyrio luminoso na tela do firmamento, mais uma estrella diamantina nos céus de nossa patria.



# LUCILIA

(CONTO)

AO AMIGO ATALIBA VALLE

---

Lucilia é aquella interessante e loira criança que uma tarde te mostrei quando passeavamos na «Ponte do Riachinho»; de certo que, ao contemplares aquellas feições mimosas e bem pronunciadas, aquelles olhinhos pretos e scintillantes, aquellas bastas e ondeantes tranças, finalmente aquelle todo de Laura, a filha do pintor Godofredo Walsh, de certo que n'ella descortinarias uma poesia modullada e triste como a do tresmalhar do dia ao cahir da tarde.

Lucilia, a loura menina de 15 annos é a protogonista d'uma historia bem curiosa.

Digna-te escuta-la.

## I

Era por uma tarde de verão; o calor era intenso e abafadiço, o sol já no occaso scintillava rutillante nas aguas guahybanas que reverberavão *como raios de esmeralda*, a noite desdobrava o seu lençol de sombras por sobre os alvejantes alcantis de nossa serrania e a lua vagarosamente erguia-se pela frontaria oriental do horizonte, transparecendo com sua penumbra.

D'uma das janellas do palacete do distincto negociante o Sr. Felix de Azevedo, desenhava-se o busto d'uma formosa jovem; seu olhar estava fito no firmamento e ella parecia inebriada em muda cogitação.

Pobre e infeliz criança!

Nascida na opulencia, no centro da sociedade, apenas com 14 annos, já tem reconcentrado em seu-peito um amor como bem poucos.

Ama apaixonadamente com loucura, com delirio, e não conhece que esse tão ardente affecto de sua alma a levará alem dos horribentos proscriptos.

Lucilia a loura, a menina do grande tom que ao entrar nos salões rende a seus pés punhados de adoradores, soffre; um soffrer inextinguivel de dores, de lagrimas e agonias atrozes!...

Pobre e infeliz criança!...

\*  
\*  
\*

Como lhe veio porem tal amor?

— É o que te vou contar.

## II

O negociante Azevedo, pai de Lucilia, era proprietario de uma pequena chacara na estrada do *Passo d'Arcia*.

Todos os annos pelo mez do Novembro a Dezembro o negociante e a familia retirava-se da cidade, indo para esse bello e ditoso sitio, onde no meio das mais festivas alegrias passava algumas semanas.

Foi n'essas solitarias paragens que n'uma bella manhã á beira d'uma cristalina fonte que poucos passos distava de casa, que Lucilia, a gracil criança, vio Augusto pela primeira vez; contemplarão-se e amarão-se como se para outra cousa não tivessem vindo a este mundo.

Augusto porem era um louco sonhador!...

Pois porventura elle, o filho do humilde capataz, podia levantar seus olhos para a filha d'aquelle á cuja sombra vivia, que chamava seu amo?!

Não, mil vezes não; és um plebeu, Augusto, não tens um titulo, um acérvo de ouro; conquista-os, e embora para esse fim galgues os degraus do crime; então almeja o que desejas, pois o que almejares obterás.

Entretanto Lucilia, a louca criança, amava aquella fronte melancolica o triste, aquelles olhos negros como o escuro da noite, aquelles cabellos pretos como os de suas tranças!

Amava Augusto; e quantas e quantas vezes no silencio da tarde ambos longe de seus pais, que ignoravão os seus amores, sentados á sombra das lorangeiras, com as cabeças quasi unidas não fazião mutuas confidencias!?

Na vespera da partida da familia para a cidade Augusto disse á Lucilia :

— Não, tu me não amas, pois que vais partir e me deixas só e triste aqui na roça, chorando com os passarinhos a tua ausencia !

— Sim, eu parto, lhe retrucou a moça, porque tenho que acompanhar os meus pai-zinhos ; mas a tua lembrança nunca fugirá do meu pensamento.

Quando despedirão-se n'esse dia, foi com uma tristeza como a do beija-flor que vê roubado o seu ninho e a estremecida prote.

### III

A' madrugada do dia immediato o Sr. Azevedo e a familia deixavão a chacara.

Oh ! quantas lagrimas chorarão os dous namorados, quantas juras protestarão Augusto e Lucilia quando disserão o ultimo adeus, finalmente como eterno symbolo de uma amizade perpetua trocarão um beijo.



Eis como versa a historia de seu primeiro amor, voltemos ao conto.

Estava ella pois recostada á janella ao de-cambar da tarde com os olhos fectos para o firmamento, lembrando- e talvez dos dias que com Augusto ligeiro corria pelos capinzaes da chacara até Ave-Maria, hora em que se recolhia.

Lembrava-se das manhãs de Julho que com elle ia por toda aquella visinhança, distribuindo a carido a esmola pelos seus queridos pobresinhos.

Lembrava-se finalmente das noites de inverno que junto á fogueira da atafona com Augusto, ouvia os pretos trabalhadores contarem as horridas historias por ali succedidas.

Entregue a estas tão gratas reminiscencias estava a loura criança, quando foi despertada pelo seu velho pai que lhe pretendia fallar.

Acompanhai-o.

### IV

Longa foi a conferencia entre ambos e quando ella terminou-se Lucilia passando a seu quarto deixou-se cahir no leito, balbuciando entre os soluços que voavão de seu seio :

— Oh ! eu te amo ainda Augusto... mas meu pai obriga-me !...

Com effeito Felix de Azevedo acabara de participar á filha que dentro em 15 dias ella esposaria o filho de um negociante com o qual associara-se elle.

Que fazer Lucilia ante semelhante situação ? seu pai era um d'esses homens que quando fallão não admittem contestações ; portanto tinha ella que obedecel-o ; lançou pois mão do papel e penna e escreveu a Augusto o seguinte :

« Augusto — Esquece-te de mim ; não indagues qual a razão de semelhante procedimento. Tua *Lucilia*. »

O infeliz mancebo ao ler o bilhete levou a mão ao coração para conter as pulsações, depois soltou uma estridente gargalhada como a de um louco e disse ao portador :

— Diz a Lucilia que morrerei.

V

Passados quinze dias a filha do negociante Felix de Azevedo ligara-se pelos laços matrimoniaes ao noivo escolhido por seu pai.

A' mesma hora em que se effectuava tal cerimonia n'uma das ilhas fronteiras, davão á sepultura o cadaver de um pobre moço de 17 annos e sobre a misera tumba, no tosco madeiro de uma cruz gravarão esta inscripção :

AQUI JAZ AUGUSTO, UM INFELIZ  
SUICIDA!  
O' VO'S QUE ISTO LEDES  
ORAI POR ELLE.

Rio Grande — Fevereiro — 76.

ARGEMIRO GALVÃO.

# DADOS HISTORICOS SOBRE A PROVINCIA

---

Cidadão Capitão.

Secretaria da guerra em Cachoeira, 25 de Maio de 1844.

Foi presente ao governo o expellido em vosso officio de 22 do vigente, e sabedor do que n'ello maifestaes sobre a marcha do imperialista Moringue para alem do Camaquam, e d'essa pequena força-inimiga que assoma por Cangussú como extraviada, me manda responder-vos. E' de necessidade absoluta que empenheis saber com brevidade com que designio existem por ali esses inimigos; o que será facil descobrir logo que combineis exactamente suas marchas e seus feitos; e ao que colherez dareis parte ao governo, não despresando o menor ensejo de acossal-os com vantagem. Tenho igualmente a ordenar-vos, de reunir até o numero de 50 homens, o melhor armados que ser possa, e vos vireis encostando para o passo de Maria Antonia, onde estareis no dia 4 do mez entrante para fazer (com outros contingentes que mando reunir) uma entrada vantajosa no municipio de Jaguarão, de que poderemos colher resultados felizes: em casa do cidadão Marcellino Antonio de Oliveira no dia 6 encontrareis instrucções do governo. Emfim elle fia de vossa actividade o bom exito de tudo quanto se vos ordena.

Deus vos guarde como é mister á republica.

Cidadão Capitão Antonio Fernandes Lossa.

---

Cidadão Tenente-Coronel,

Secretaria da guerra 25 de Maio de 1844.

Havendo-vos em meu officio anterior ordenado de marchar pela margem direita do Camaquam até realisar vossa junção com a força debaixo de minha immediata direcção ; hoje porém havendo o inimigo de-assombrado os districtos de Boqueirão, Roquete e Pelotas, da parte do governo vos ordeno de pender para aquelle lado a reunir de marcha seguida todos os officiaes e praças de pret do corpo de vosso commando, devendo fazer ponto e esperar as ordens d'esta secretaria até o dia 10 do entrante (impreterivelmente) pelas immediações da fazenda do capitão João Nunes Baptista ; passando de largo pela cidade de Pelotas, para não alarinar aquelle povo, já em extremo assombrado dos successos preteritos.

Cidadão Tenente-Coronel, o governo espera de vosso acrisolado patriotismo a fiel execução de quanto vos encarrega ; assim como conta, que os dignos filhos da revolução mais brilhante, que se ha operado no globo, não vos deixarão de seguir na importante jornada que deveis percorrer. Levai os estandartes, recordai-lhes seus juramentos, e o dever a que por ellos se ligarão com a patria : conjurai-os em fim, pelo character e brio rio-grandense ; pois não haverá um só que tenha honra, que recuse engrossar vossas fileiras, a não ser por um motivo imperioso, por causas insuperaveis.

Deus vos guarde e vos proteja como é mister.

*M. L. d'Oliveira.*

Cidadão Tenente-Coronel Urbano Soares da Silva.

Neste sentido a todos os officiaes do Boqueirão e Pelotas.

---

Secretaria da guerra 26 de Maio de 1844

Cidadão sargento. — Visto que o collecter de Pelotas por duas vezes não ha querido receber uma escolta de guardas nacionaes de reconhecida probidade, para o auxiliarem na arrecadação das rendas publicas, pretextando magreza de cavallos, podeis parar amanhã a esperar-me nas immediações da Casa Verde, onde até tarde estarei para providenciar sobre vestuario para vossos commandados, e vos darei ordens a executar. Deus vos guarde. — *Manoel Lucas d'Oliveira.* — Cidadão sargento Bento Alvares Marinho.

Meu compadre e respeitavel amigo Jardim.

Em marcha 23 de Janeiro de 1844.

Por evitar apuros, taes como os em que nos vemos hoje, vós sabeis quanto me esforcei por de-fazer esse plano infructuoso de marchas sobre o Moringue; mas fui só, e vi-me obrigado a ceder. Deus queira que d'elle nos não resulte algum transtorno nas operações do exercito, para onde vou de marcha seguida, com o objecto de aplanar alguns embaraços, etc. etc. Vos remetto trez decretos para vos dignardes prestar-lhes vossas assignaturas; sendo que os acheis conformes a justiça, unico fanal que me guia. Em poder de nosso amigo Mattos existe outro, que tambem reclama vossa sancção; a elle pedi de o corrigir de algum defeito; o que espero haja francamente feito em attenção á minha exigencia e á sincera confiança que deposito em suas luzes e patrioti mo. Com este proprio de inteira confiança deve marchar o proprio que conduziu os officios do cidadão general em chefe, e nos encontraremos esta mesma noite, no ponto onde vou pernoitar. Não vou por ahí por me ficar volta grande e não ser tempo de demorar uma hora.

Vosso compadre e o mais fiel amigo,

*Manoel Lucas d'Oliveira.*

---

Secretaria da guerra em Quebaxo, 13 de Janeiro de 1844.

Cidadão Major. — Para o bom desempenho da operação que havemos meditado, deveis marchar a encorporar-vos comigo, na madrugada de amanhã, no Passo do Menezes, em Jaguarão, levando com vosco todos os homens que tiverdes reunido e cavallos em estado servivel; esperando por mim, se ahí chegardes primeiro.

Deus vos guarde. — *Manoel Lucas d'Oliveira* — Cidadão major Mariano Gloria e Campos.

## PAGINA TRISTE

---

1

Era em uma manhã de inverno.

Eu transpunha os porticos de um templo em uma populosa cidade quando a voz infantil de uma criança veio docemente murmurar-me ao coração uma singela cansoneta popular.

Voltei-me profundamente sensibilizado e vi nma formosissima criança sentada nos degraus do templo.

Tremia de frio e fome estendendo as mãosinhas roxas a homens insensíveis que passavão por ella sem que a sua voz angustiada e tremula lhes vibrasse no coração entorpecido para os sentimentos generosos.

A pobrezinha tiritava de frio. Doia-lhe o corpo e a alma!

Era criança e não tinha mãe nem lar.

E este espectáculo doloroso não arrancava uma lagrima, não despertava um gemido!

N'aquella grande cidade não haviam olhos que baixassem commovidos sobre aquellas faces pallidas e regeladas!...

Parei diante d'ella com os olhos embaciados e contemplei-a com amor.

Que desapiadada creatura teria arremessado aquella criancinha livida ás lages frias de uma praça!?

Seria a sua propria mãe?

Oh! mas que immensa agonia, que horrendo desespero, que hydra se enroscaria na alma da mulher ao arrancar do seio sua desventurada filha para a atirar ao desamparo, ao desespero e á fome!

A terra está cheia d'estas dolorosas misérias. Não são ellas privile-



gio exclusivo do seculo. Os festins de Balthazar têm-se reproduzido em todos os tempos e em todos os povos.

Diante de nós passam todos os dias d'estas creaturas sem mãe, victimas innocentes da deshonra, com as faces cavadas pela agonia da fome, a luz dos olhos amortecida pelo requeimar das lagrimas, sem contudo indagarmos a causa que as impelliu ao abysmo, sem nós abeirarmos d'ellas para as consolar, para as aquecer, para lhe darmos escassa esmola de amor.

Jesus dava ás criancinhas os seus mais extremos carinhos e os homens desprezando os exemplos do divino Mestre deixavão morrer de fome e de miseria aquella innocentinha.

Ella devia ter cinco annos talvez.

Era uma gotta de orvalho substanciada no calice melancolico dos lyrios. Em seus olhos parecia rever-se o céu azul de uma primavera de Napoles. Os cabellos negros e opulentos cahiao-lhe em desalinho sobre os hombros descarnados e nos seio trazia pendente a uma fitinha preta a imagem de Maria.

Eu ainda a contemplava quando uma mulher elegantemente vestida approximou-se d'ella.

## II

Essa desgraçada apenas se viu junto da emmagrecida criança sentiu-se dominada por uma vertigem de amor. Com os olhos annuviados de pranto escondou-lhe no seio a face cobrindo-a de fervorosos beijos.

Que diria de ti o mundo se te visse chorar no seio d'essa desventurada criança, mulher perdida?! Apedrejava-te insultando-te as lagrimas. E contudo, dentro d'esse teu ulcerado peito palpita ainda um grande coração. Ha ainda uma religião, um altar, uma hostia para tua filha, uma desesperada luta e um profundo agonisar esphacellando-te fibra a fibra o coração! Tens nos labios a gargalhada cynica para os convivas da orgia a que te arrastão pelos cabellos e nos olhos o pranto immaculado para a criancinha que não separarias nunca de ti se a sociedade depravada e corrupta não te abrisse na frente o stigma de uma maldição eterna.

Para a mulher que peccou não ha rehabilitação nem arrependimento. Ha de caminhar sempre de abysmo em abysmo até deixar a pedacos no ultimo despinhadeiro o corpo e a alma.

Barbaros!... Compadecei-vos d'aquelle agonisar. Tende caridade com essa victima de amor que foi na sua vertigem que ella se perdeu.

Estareis puros de consciencia, vós que a apedrejaes? Lembrai-vos da mulher adúltera das ruas de Jerusalem a quem o Homem Deus redimio do erro nas lagrimas purissimas da contricção e da fé.

Aquella infeliz era mãe da mísera criancinha em cujo seio em horas afflictivas ia esconder as suas lagrimas suffocando os seus gemidos.

EPILOGO

Essa desventurada creatura era feliz e virtuosa em casa de seus pais.

Um dia, dia fatal foi esse, sentiu-se desvairada por uma vertigem de amor, cerrou os olhos e atirou-se ao abysmo.

Depois olhou-se em torno. Que solidão horrivel. Quiz recuar... mas ai! Em seus braços titubava de frio uma criancinha pallida que lhe pedia pão!... Caminhou mais até salpicar na lama a ultima rosa da virgindade de sua alma.

Oh! não a maldigão!

As estrellas tambem resvalão da face do firmamento azul na escuridão das noutes.

1876

Augusto.

## A MUCIO TEIXEIRA

INSPIRADO CANTOR DAS VIOLETAS

---

Colombo maravilhado da primeira noite da America:

Os astros são orbes, são mundos esparsos  
Na tela infinita são pingos de luz,  
Dão vida aos mysterios que a mente concebe,  
Dos anjos são prantos vertidos na cruz.

São lagrimas santas, são rosas de prata  
Nos mantos oscuros de noites sombrias...  
São pallidas chammas, derramão fulgores  
São cyrios que velão as lapidas frias.

São luzes accesas no baile dos sylphos...  
Espargem saphiras do céu nas alfombras.  
São perolas soltas na concha das nuvens,  
São beijos de fogo na face das sombras.

São fadas errantes de lindas roupagens...  
Da negra tormenta e embução no véu,  
O orvalho sacodem das azas brilhantes  
— Gaiotas que brincão nos mares do céu.

Na gloria, na creuça, na febre, no pranto,  
Nas sei mas perdidas no ardor da paixão,  
Povoão de sonhos meu craneo de louco  
— Fagulhas que soltão de ardente volcão !

Nas ondas revoltas espalhão mil cores...  
Na luta das trevas arrancão trophéus,  
São folhas doiradas do livro do Espaço  
Illiadas santas do Homero que é Deus !!

LIMA CASTRO.

---

## O DESPONTAR DA ALMA

Os sentimentos puros da minh'alma,  
Quanto eu sinto no imo do meu peito,  
Oh cythara divina, dize, canta,  
Responde a meus desejos.

SAPHO.

Em perenne voidão vagavas triste  
No mais invio da estancia em que vivias;  
Debalde Flora te sorria em beijos,  
Dryada do bosque.

Um Satyro te busca, descuidosa  
Do armado laço nos ardis cahiste,  
E foi-te a vida no tropel d'angustias,  
Das tormentas no vortice.

Mas veio um dia, no teu almo seio  
A candida Psyché soltou seu vôo,  
Em que Amor sorrindo ali surgira,  
O filho de Cythéra.

De Venus o encantado, o mago cinto,  
Cobriu-te o peilo, aligeros amores  
Derão-te encantos; invejados, novos,  
A' olympia turma dados.

Este outra, seductora e leda nympha :  
Ao ver-te os meus sentidos se cnebrião,  
E em arroubos desprende sons celestes  
A cyth'ra da miah'alma.

Quanto en sinto no imo de meu peito,  
Os mais puros, mais doces sentimento;  
Vêm-me aos labios, o canto lielmante  
Responde a meus desejos.

Porto Alegre, 22 de Junho de 1840.

DR. CALDRE E FILHO.

A. \*\*\*

Oh ! tão formosa custa crê-la humana !

(MACEDO)

Alva, mais alva do que a branca renda  
Que a seu lenço embellece a fina tela ;  
Alva, como a neblina da planície,  
Mais alva inda era ella...

Bella, mais bella que Aleyon na espuma,  
Ou qual sob o hatchis vi-ão formosa,  
Tão bella, como a lua em seu crescente  
Mais bella e radiosa...

Pura, mais pura do que a flôr do lago,  
Pendida sobre a limpha que a retrata ;  
Pura, como o sentido de uma supplica,  
Mais pura, intemerata...

Doce, mais doce do que um hymno n'alva,  
Qual se fôra da rosa o meigo amante ;  
Mais doce que um enlevo de saudade,  
Sem nada semelhante...

Casta, mais casta que o frouxel de arminho,  
Que adorna-lhe o peiinho de escomilha,  
Esquivo ao tacto, pudico, sensível ;  
Mais casta — oh ! maravilha !

Mas eu, que já não tenho n'esta vida  
Amor e fé e esperança de ventura,  
Peço ao céu — brotem flores no caminho  
A essa creatura.

Rio de Janeiro.

CAIUS GRACCIUS.

---

EXTASI

Eu me lembro, eu me lembro, era uma tarde..  
Que tarde aquella de celeste encanto !  
Vi em teus labios rebentar o riso,  
Vi em teus olhos rebentar o pranto !

— Oh! porque choras, eriancinha leda,  
Disse-te a medo — meu amor, meu bem ! —  
Tua alma triste suspirou de novo,  
E o echo ao longe suspirou tambem !

— « Chorei? que importa?... de meu peito o pranto.  
E' doce orvalho que o prazer traduz!  
Perolas santas que teus labios beijão,  
Risos d'aurora de perpetua luz !

As doces fallas que a tremer disseste,  
Os mundos grandes que formaste emfim ;  
Dão-me a ventura de um supremo goso,  
Oh! que na terra não sonhei assim ! »

Depois, o sol a resvalar de manso  
Doirava as fimbrias d'horizonte alem...  
Quedaste a frente no meu peito exangue;  
Colhi-te um beijo — meu amor, meu bem !

1876.

S. V.

## A CARIDADE.

POR OCCASIÃO DE UMA FESTA DE BENEFICENCIA.

O mundo é de de graça um campo immenso e vasto,  
Onde cada mortal tão só porque a luz vio,  
E' sempre um caminheiro a cada instante gasto,  
Depois um triste enfermo, apoz cadaver frio !

Desde que o homem nasce até que alim perpassa,  
Morre a cada minuto, a cada instante cabe ;  
O facto de nascer é já — uma de graça —  
Um passo para a morte, um sonho que se esvae !

Mal o seio materno em um momento deixa,  
A mi-era creança apenas vê a luz,  
Ai ! saúda do dia o astro n'uma queixa,  
N'um vagido de dor, em lagrimas a flux !

Infeliz ! infeliz parece que surgindo  
Das trevas para o sol, do nada para o ser,  
Já começa a escalar, ao mundo apenas vindo,  
Dos males a montanha em longo padecer.



A vida é uma constante e negra tempestade,  
— Cataclismo voraz de imprevisões fataes,  
Cujo iris de paz prediz á humanidade  
De novos infortunios os novos temporaes.

Si existe alguém feliz que em horas venturosas  
A vida vê correr-lhe em doces paineis...  
Ah! não nos illudamos sobre esse mar de rosas,  
Que em breve aquelle barco irá contra os parceis.

Em breve do infortunio os ventos insoffridos  
De tanta f'licidade encapellando o mar,  
No abysmo sumirão os sonhos construidos  
De tantas illusões em que ideou vogar!

Em breve dos mortaes o mais ditoso e crente,  
Como exemplo do nada imposto ás gerações,  
Igual será na morte ao infimo vivente,  
Cadaver para a terra, e pasto aos vibrões!

Iguaes são todos pois, — que todos já nascemos  
Para soffrer no tempo os males e a dor;  
E todos mutuamente a todos nos devemos  
O mais fraterno auxilio, o mais fraterno amor.

Mas ai! aqui o nobre, aqui o poderoso  
No meio da opulencia e cheio de europeis,  
Sorri-se para a turba altivo e desdenhoso,  
A turba que lhe inveja os fervidos corseis;

— Enquanto além o pobre a trabalhar consome  
O dia, a força, a vida em procurar o pão,  
E a viuva e os filhos a morrer de fome  
Esmolão pela rua e dormem sobre o chão!

Irmãos ! si é tal da vida os paineis de dorés,  
Si a partilha dos bens não pôde ser igual,  
Tratemos de abrandar dos males os rigores,  
O rico dê ao pobre, o bem snpere o mal.

Tornemos cada qual melhor a humanidade,  
Cada um faça o bem conforme os teres seus ;  
Que foi para ensinar-nos a — *lei da caridade*  
Que por nós padeceu na cruz o Homem-Deus.

E vós, homens de fé, que agora um nobre officio  
Fazeis da caridade aqui em multidão ;  
Em premio recebei de tanto beneficio,  
Do bardo pela voz, do mundo a gratidão.

F. A. FERREIRA DA LUZ.

Rio de Janeiro.

*Bras de Parian*